

DIÁRIO DE UMA TRAVESSIA

Memórias em linhas gravadas pela transfiguração de uma travessia



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS - UFMG
ESCOLA DE BELAS ARTES - EBA

RAMON KENNEDY MONTEIRO DE LIMA

BELO HORIZONTE
2023

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS - UFMG
ESCOLA DE BELAS ARTES - EBA

Trabalho de Conclusão do Curso em Artes Visuais
Habilitação em Gravura
Escola de Belas Artes
Orientadora Prof. Eliana Ambrósio

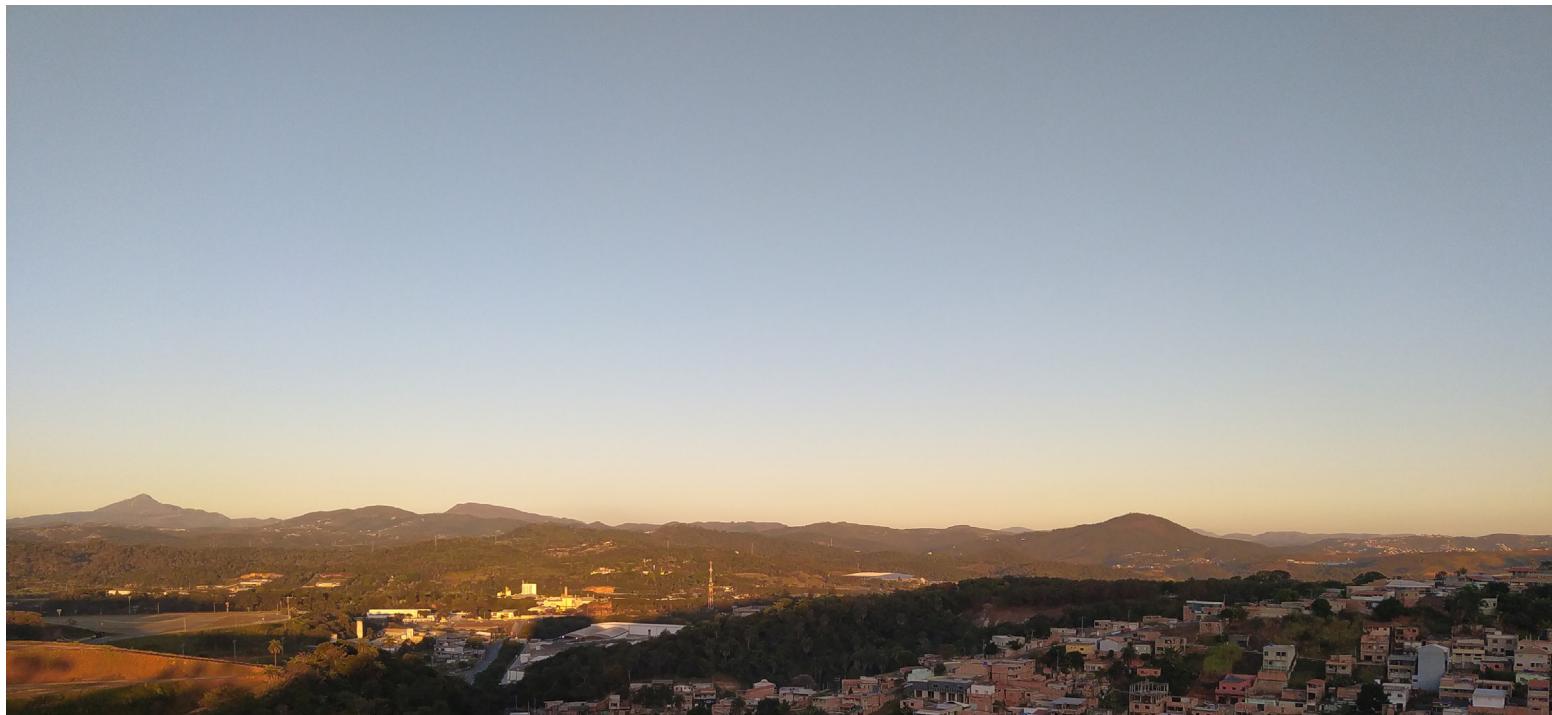
BELO HORIZONTE
2023

DIÁRIO DE UMA TRAVESSIA

Memórias em linhas borradas pela transfiguração de uma travessia

Índice

Resumo	6	Ruídos	36
Introdução	8	Paisagens Sociais	38
Anamnese	10	Cantinho Verticalizado	44
Continuidade de Estudos	14	Não Gira, Capota	48
Da Artes Gráficas para Gravura	16	Reflexões da Serra do Curral	50
Ironia e Conflito	18	Cadente	54
Ruído e Ansiedade	22	Gambiarras	58
Paisagem, Tempo e Espaço	24	Conclusão	62
Memórias de BH	30	Referências Bibliográficas	64
Mergulhar no Horizonte	34		



Paisagem Santa Luzia
Bairro Vale dos Coqueiros/Liberdade
Foto
2023

Resumo

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) realizado em minha segunda graduação em Artes Visuais trata da minha travessia das Artes Gráficas para Gravura, especificamente para xilogravura. Aqui escrevo minhas sensações e reflexões deste processo. O caminho que me levou a continuidade dos estudos, a escolha e relação do tema com a trajetória da minha vida. Não será tão diferente do primeiro TCC, intitulado *Caminhos Emaranhados De Um Sonhador - Tretas*, com tópicos e poemas, falando da minha perspectiva do mundo, com o entrelaçamento de diferentes temas políticos e sociais no processo da minha vida, como estudante e trabalhador. Neste, a paisagem torna-se um referencial para refletir o mundo à minha volta. As lembranças das minhas travessias observando os efeitos das diferentes paisagens e das suas transfigurações feitas pela sociedade.

Paisagem de Belo Horizonte
Vista do Bairro São Lucas
Foto
2019



Introdução

Uma travessia para me encontrar, no labor, na alquimia, na gambiarra, uma travessia feita de questionamentos, conflitos, decisões, frustrações e descobertas, uma travessia que despertou minhas memórias como ruídos dos lugares que vi e vivi, uma travessia que me afetou no pensar das paisagens, uma travessia que devolveu meu cerne nos zines e nas paisagens imaginárias. Uma travessia, mais do que uma segunda graduação, uma travessia que somei minhas afinidades, pois esta é uma simples travessia de um sonhador. Uma travessia, reflexões de um caminhar, de escolhas poética, um diário. Diário de uma travessia.

Paisagem Malacacheta
Foto
2019



Anamnese

Com o tempo certas lembranças ficam fragmentadas, mas tem momentos que algo desperta a nostalgia ou me leva para um déjà vu. Estes momentos acontecem quando estou diante de uma janela qualquer. Janela de casa, da escola, do trabalho, do transporte, janelas nas quais viajo e me perco nos fluxos dos meus pensamentos. Uma deriva de sonhos, lembranças e reflexões que se misturam, talvez tentando entender quem eu era, quem sou, o que venha ser. Vem à mente os escritos de SANTOS (1988, p.21): “*Tudo aquilo que nós vemos, o que nossa visão alcança, é a paisagem. Esta pode ser definida como o domínio do visível, aquilo que a vista abarca. Não é formada apenas de volumes, mas também de cores, movimentos, odores, sons etc.*”



JANELA DO MEU APARTAMENTO

Foto

2023

ZINE ANAMNESE
Linoleogravura
9,5cm x 8,5cm
2021



*Janelas dos meus sonhos,
das minhas nostalgias,
ou meros déjà-vus,
aqui me encontro
perdido em saudades.*

ZINE ANAMNESE
Linoleogravura
9,5cm x 8,5cm
4 páginas
2021



Continuidade de Estudos

Uma segunda graduação?

Legal, mas por que?

Qual habilitação?

Vale a pena?

A segunda graduação não foi proposital, mas puro acaso. O plano era tirar férias após a formação nas Artes Gráficas e depois tentar o Mestrado. Mas no caminho das Artes Gráficas de forma despretensiosa fui pegando disciplinas da Gravura como optativa. Por sentir falta de alguma coisa na primeira graduação, e, também, para diminuir o estresse e ansiedade. Em 2020, a graduação em Gravura se tornava uma opção concreta, já tinha concluído metade de sua carga horária, faltando apenas as disciplinas dos Ateliês e estava no último período nas Artes Gráficas, como horas sobrando no plano de estudo.

Além de perceber que podia utilizar processos gráficos nos trabalhos da gravura, como os múltiplos. Principalmente na pandemia, impedido de ir para o campus pelo

isolamento social, quarentena e o lockdown, e só tendo a alternativa do retorno às aulas em setembro com o EAD (Ensino a Distância). Foram mais de 6 meses para repensar as dinâmicas dos meus processos, no espaço limitado da minha casa, com a falta da prensa gráfica e na economia dos materiais utilizados para gravar.

De certo modo, ainda tinha pretensões de fazer Licenciatura, não apenas por questões de ter um emprego na área depois de formado, mas por ver parte dos meus processos levar a este caminho, trabalhos com questionamentos do mundo, com intenção de provocar o espectador. Muitos dos meus trabalhos abordavam temas sobre o preconceito racial, a desigualdade social, o meio ambiente e política. Também tinha momentos que ficava debatendo as relações entre alunos e professores, nas suas referências de vida e seus lugares de fala no ambiente universitário. Me identificava com os diálogos de equidade das pessoas que eu conheci nesta área e, por muitas vezes, via a Licenciatura como caminho questionador e transformador.

Assim, pensava em desenvolver projetos artísticos e educacionais a partir do referencial do outro. Porque percebia que alguns docentes não entendiam as referências artísticas dos alunos, que tinham a mesma origem educacional que a minha, vindos das escolas públicas do interior ou das periferias da capital.

Contudo, evitei o risco do acúmulo de aulas teóricas pelo ritmo do meu emprego, pelo medo de piorar a ansiedade e o estresse, não conseguindo concluir todas as demandas das disciplinas que eu cursava.

Assim, por enquanto, deixarei a Licenciatura como um plano para o futuro. Já no caso do Mestrado é por não me sentir preparado na minha fluidez num segundo idioma, e, também, porque estava em constante de mudanças de moradia.

Acredito que a continuidade de estudos das Artes Gráficas para a Gravura foi importante, antes por ver o elo entre elas na história da impressão gráfica, mas em 2020 quando descobri os múltiplos do movimento e do grupo Fluxus* numa disciplina optativa das Artes Gráficas ministrada pelo Prof. Amir Cadôr, tinha encontrado uma solução interessante para os meus trabalhos. Como o CADÔR (2019, p.2) aponta: “*Um múltiplo é sempre um original, não importa o tamanho da tiragem. O tamanho da edição*

pode chegar aos milhares de exemplares, algo que era impensável antes de existirem os meios técnicos para sua realização.”

Assim, adentrei nos trabalhos de pequenos formatos, com indefinidas tiragens, que pudessem ser acessíveis a todas as classes sociais. Começava uma saga de projetar zines, volantes, postes, cartões postais, e idealizar futuros projetos como cordel, ao mesclar processo das duas habilidades.

Das quatro disciplinas da gravura, a xilogravura foi a que mais senti confortável pela sua versatilidade no processo de impressão, por não necessitar diretamente de uma prensa gráfica. Dá para imprimir com baren, colher de madeira e com o próprio peso do corpo dançando. As matrizes também são fáceis de guardar, principalmente as de linóleo.

* Coletivo de artistas internacionais de vanguarda, fundado no início dos anos 60 por George Maciunas. O grupo era conhecido por mesclar técnicas de distintos campos da arte, música, literatura, teatro, artes visuais, dança, vídeo. Trabalharam com ready-made e happenings. Tendo artistas como destaque Yoko Ono, Nam June Paik, Joseph Beuys, John Cage e muitos outros.

Da Artes Gráficas para Gravura

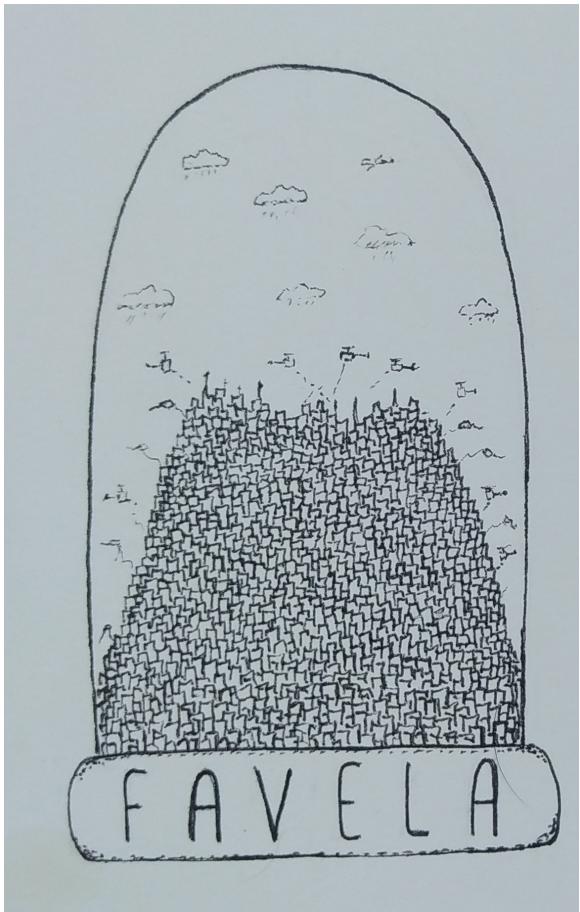
No início do meu contato com a gravura, não tinha muita ideia do que eu poderia expressar. Muito do meu processo estava vago, mal conseguia entender o que faria nas artes gráficas. A maioria dos meus trabalhos era por demanda, os exercícios técnicos das aulas. Com o tempo, o acúmulo de rabiscos aleatórios nos meus cadernos de esboço, me ajudaram a definir meu processo nas Artes Gráficas. Rabiscos lapidados em cartuns satíricos.

Estes cartuns eram a forma de transmitir meus questionamentos do mundo. Com isso buscando ser mais assertivo nos trabalhos das duas Habilidades, resolvi reaproveitá-los na gravura. Como a maioria dos meus cartuns são feitos com caneta nanquim, o processo de gravar me fez repensar a forma de desenhar, principalmente na xilogravura, pois os traços finos precisavam ganhar volume para serem impressos no suporte. Eu precisava entender o limite das matrizes e das goivas para cada desenho. Além de trabalhar a forma e contra forma enquanto gravava as matrizes invertidas. A sensação de conforto e nostalgia das

aulas pareciam me dar mais liberdade nos meus processos comparando com às Artes Gráficas.

Os cartuns ganhavam mais detalhes na gravura, tornando a paisagem recorrente a cada trabalho. Às vezes, como cenário, outras como um mundo de fantasia com as crises do mundo real. Descobrir a poética não parecia ser uma obrigação disciplinar, mas sim de como entender meus sentimentos no trabalho.

Cartum
Nanquim
14cm x 10cm
2019



Ironia e Conflito

Depois de ganhar afinidade nos processos de gravação, comecei elaborar trabalhos próximos dos que fazia nas Artes Gráficas, e aqueles que não conseguia fazer. Nas Artes Gráficas, tirando os trabalhos dos finais do semestre, todos tinham formatos pequenos, sendo na maioria de 15 x 10 cm. Dimensões não muito aceitas nas aulas das disciplinas. Na gravura isto não era problema, o importante era o uso da técnica, o conteúdo e a expressão poética do trabalho.

No Ateliê de Artes Gráficas ouvia constantemente que meus trabalhos deviam circular, mas sentia que as dinâmicas das aulas levavam todos meus trabalhos para o espaço expositivo, pois mal conseguia desenvolver diálogos sobre publicações simples, como os zines. Talvez por dois pontos, um por citar minhas referências sobre as histórias em quadrinhos, mesmo demonstrando artistas que utilizam os recursos dos quadrinhos em suas produções, sendo artistas que transitam pelos dois espaços, da exposição e da publicação, e, muitas vezes, sem definirem

um lugar final para suas obras. Porém, eu era chamado de mentiroso. O segundo ponto, eu considero tenso, pois independente dos trabalhos ir para publicação ou exposição, a maioria dos conflitos aumentavam quando tentava abordar os temas sobre racismos estrutural e desigualdade social, dentro das minhas perspectivas e experiência de vida. Com falas para eu negar minhas origens e esquecê-las, ou estar em um ponto neutro para ser a ponte que gera diálogos.

Nestes momentos me perguntava se os docentes sabiam o peso de suas palavras, como elas afetam o pensamento e o caminho dos discentes, momentos em que eu queria citar FREIRE (2021, pag. 55): *“É que não existe ensinar sem aprender e com isto eu quero dizer mais do que diria se dissesse que o ato de ensinar exige a existência de quem ensina e de quem aprende.”*

No máximo eu só consegui produzir dois trabalhos para publicação, tendo muitas críticas de alguns docentes durante o processo e, também, nas apresentações da obra.

Percebendo os aumentos destes conflitos durante as apresentações dos projetos, sendo muitos deles podados ou negados, e vendo o fim do semestre chegando, tendo que lidar com o limite do meu tempo como trabalhador e estudante. Mudava todos os meus processos para algo mais simples voltado à exposição, destinado à parede ou para o meio da sala. Porém, um novo problema começava, por permitir que estas obras pudessem ser tocadas pelo espectador. Daí já vinha uma afirmação, que para mim era de boa:

“Você está fazendo algo voltado para educação, isto tem cara de Licenciatura”

“Eu só queria fazer uns zines. Como pequenas janelas para o mundo.”

Entrei nas Artes Gráficas idealizando produções de quadrinhos ou algo próximo, para ganhar conhecimento. Mas foi na dinâmica do Ateliê de Gravura que consegui possibilidades para pensar e produzir múltiplos, muitos deles sendo zines, influenciados pelos processos e narrativas das historinhas em quadrinhos, como nas Graphic Novels xilogravadas *The City: A Vision in Woodcuts* de Frans Mase-

reel, e *Vertigo* de Lynd Ward. Obras que abordam questões sociopolíticas demonstrando as relações das pessoas com a cidade a partir da paisagem.

Uma influência recorrente dos processos das Artes Gráficas para a Gravura foi o uso das palavras. Elas poderiam servir como, títulos, textos pequenos, onomatopeias, até como parte da paisagem reproduzida. Foram poucas as gravuras que não utilizei palavras. As gravuras que não tinham palavras inseridas na sua composição, causaram estranheza em alguns docentes das Artes Gráficas, pois todos meus trabalhos produzidos na habilitação dedicavam o uso das palavras. Sendo que alguns destes trabalhos, a palavra era o ponto central da obra, às vezes fazendo o desenho parecer um ornamento. Com isso, muitos dos meus cartuns pareciam ter uma disputa por espaço, entre palavras e desenhos, no suporte que foram reproduzidos.

Desta estranheza surgiam diálogos, como se eu tivesse uma dupla poética, ou que eu poderia estar me desviando da poética trabalhada nas Artes Gráficas.

Acredito que esta percepção de outra poética, também se deve às diferentes formas de apresentação dos trabalhos. Os trabalhos das gráficas eram retalhos, cada cartum tinha um tema próprio, desigualdade social, racismo, segurança pública, meio ambiente, dentre outros. Na gravura, uma

imagem poderia misturar três temas ou mais, pela quantidade de detalhes e informações que eu poderia inserir na composição de uma paisagem.

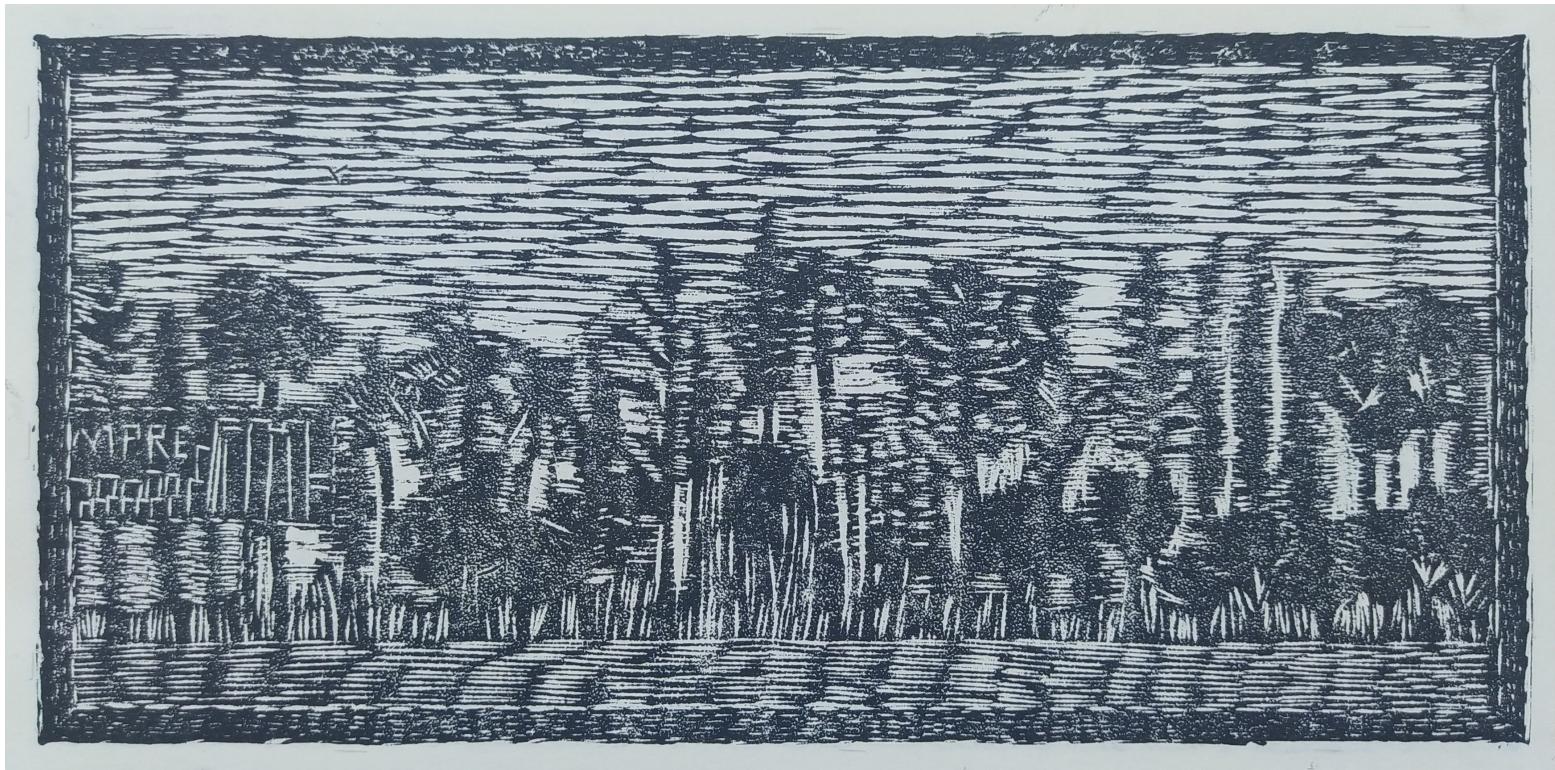
Exposição é legal, porém eu quero mais possibilidades para meus trabalhos. Como disse no meu primeiro TCC (2020, pag. 40): *“Não importa qual lugar, o que importa é que se alastre, contudo sempre analisando e adaptando estratégias de sua divulgação.”*



Ruído e Ansiedade

Como sou uma pessoa muito ansiosa, muitas vezes, me perco no fluxo dos meus pensamentos. É normal minha mente entrar numa deriva de associações aleatórias, onde um tópico pode levar para mil temas. Ocorrem situações engraçadas durante uma conversa com os amigos, às vezes altero o assunto repentinamente, ou fico me perguntando sobre o que estávamos falando. A quantidade de desculpas e explicações que tive que dar sobre estas derivas, não tem cálculo. Dependendo da ansiedade tentando focar numa ideia, minha vista embaça automaticamente. Como se desse pausa para alguns sentidos, para organizar o fluxo mental. As coisas à minha volta parecem um ruído enquanto me concentro em algo. Não importa o que estiver fazendo, isto pode acontecer enquanto estou parado ou em movimento. De certa forma, isso influenciou meus trabalhos na gravura, como um ruído de TV, ou a vista dentro de um veículo em movimento.

ZINE TRAVESSIA
Xilogravura
Pagina 4
22cm x 11cm
2022



Paisagem, Tempo e Espaço

*Quando trabalho com o mundo, utilizo todas as suas variáveis em um momento dado.
Mas nenhum lugar pode acolher nem todas, nem as mesmas variáveis,
nem os mesmos elementos nem as mesmas combinações.
Por isso, cada lugar é singular, e uma situação não é semelhante a qualquer outra.
Cada lugar combina de maneira particular variáveis que podem,
muitas vezes, ser comuns a vários lugares.*

SANTOS, 1988, p. 21

Na minha simples rotina de trabalhador e estudante, a paisagem funciona como forma de localização de trajeto. Ela também me ajuda nas derivas mentais, reflexões enquanto a contemplo, para fugir do estresse urbano.

Levando para outro contexto, direto para expressões artísticas, pintura, gravura, livros, histórias em quadrinhos, cinema e animação, a paisagem pode ser inspirada de um lugar real, ou fictício, para qualquer linha do tempo, dependendo do que o autor queira passar da sua obra para o espectador.

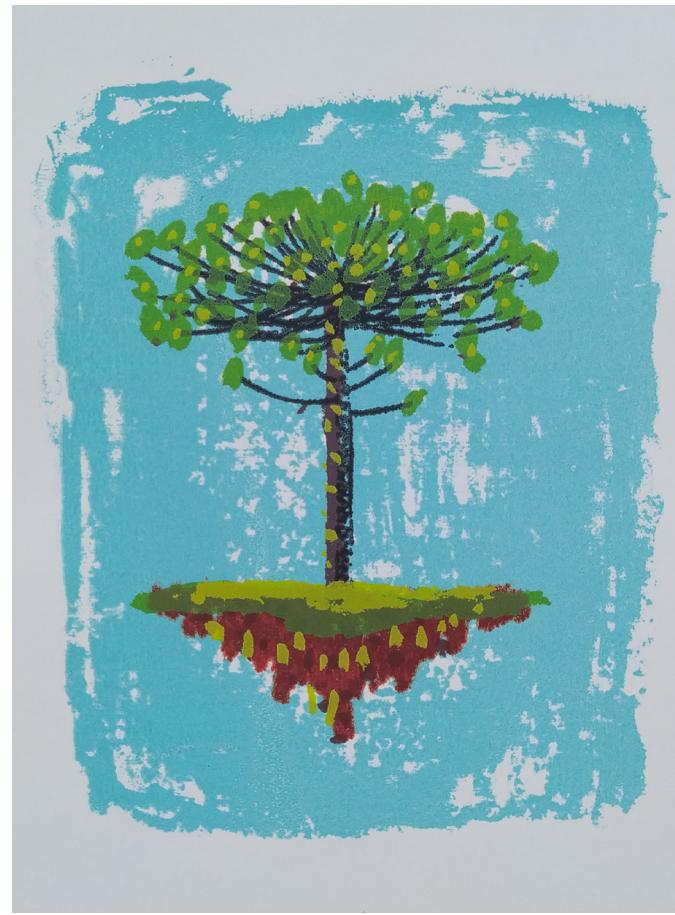
Nisto, vejo a paisagem para além do cenário, para mim é uma introdução narrativa, passando o contexto do mundo com suas complexidades ali representadas na obra, tendo ela grande influência nas características e nas personalidades, das pessoas, ou dos personagens que ali são ou não retratados.

Quando visualizo retratações de paisagens reais elas me servem de comparação de marcos históricos, como um registro do desenvolvimento demográfico, o contato entre diferentes civilizações, colonizações, desmatamentos, a extinções, nas seletividades e nos controles da fauna e da flora, nas guerras, no crescimento urbano, rural, industrial, na poluição, as delimitações das fronteiras, das mudanças climáticas, dentre outros.

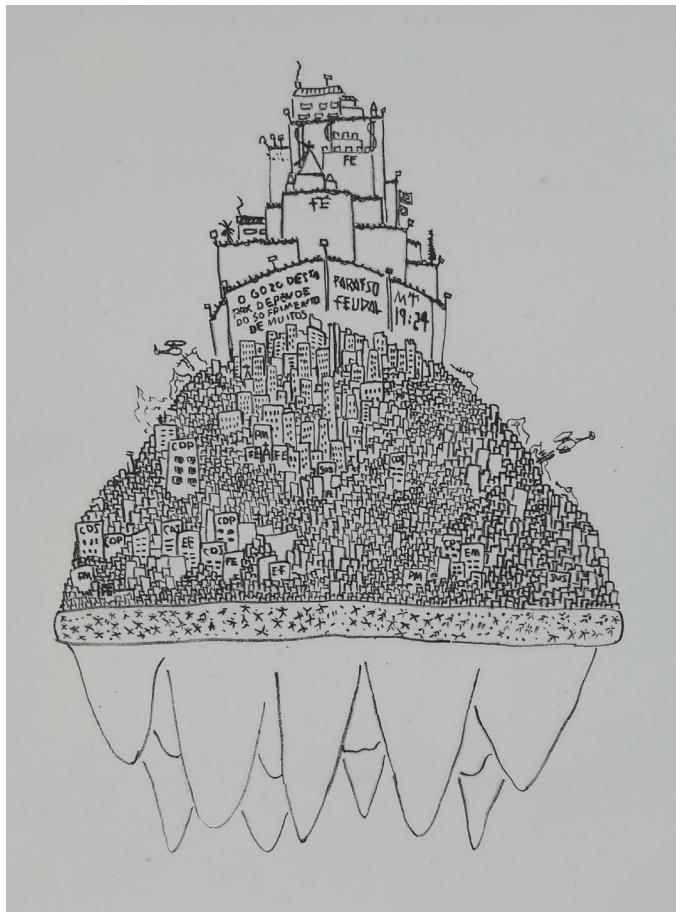
Quando vejo retratações de paisagens imaginárias, também as interpreto da mesma forma, porém sinto que elas são mais livres na sua poética entre utopias e distopias. Neste tipo de obras, às vezes, tento perceber se as analogias estão criticando ou exaltando algo do nosso cotidiano, os efeitos dos nossos hábitos e tendências, para o agora ou para o futuro.

As duas vertentes citadas da paisagem influenciaram nas minhas produções, então as minhas referências de artistas podem ser diversificadas, quanto às suas obras por terem mostrado um pequeno fragmento da paisagem. Gostos das gravuras do Katsushika Hokusai, das pinturas Alberto da Veiga Guignard, das ilustrações de Marcelo Lelis e Félix Scheinberger. Dos quadrinhos, posso citar os artistas Jean Giraud (Moebius), Ana Luiza Koehler, Alberto Breccia, José Aguiar e os irmãos Fábio Moon e Gabriel Bá, e dos mangás Katsuhiro Otomo, Shirow Masamune, Eiichiro Oda e Q-Hayashida. Também fico impressionado com as paisagens das animações de Hayao Miyazaki. E, recentemente, por ter me dedicando mais à gravura, conhecia as obras dos artistas Darel Valença Lins, Lynd Ward e Frans Masereel.

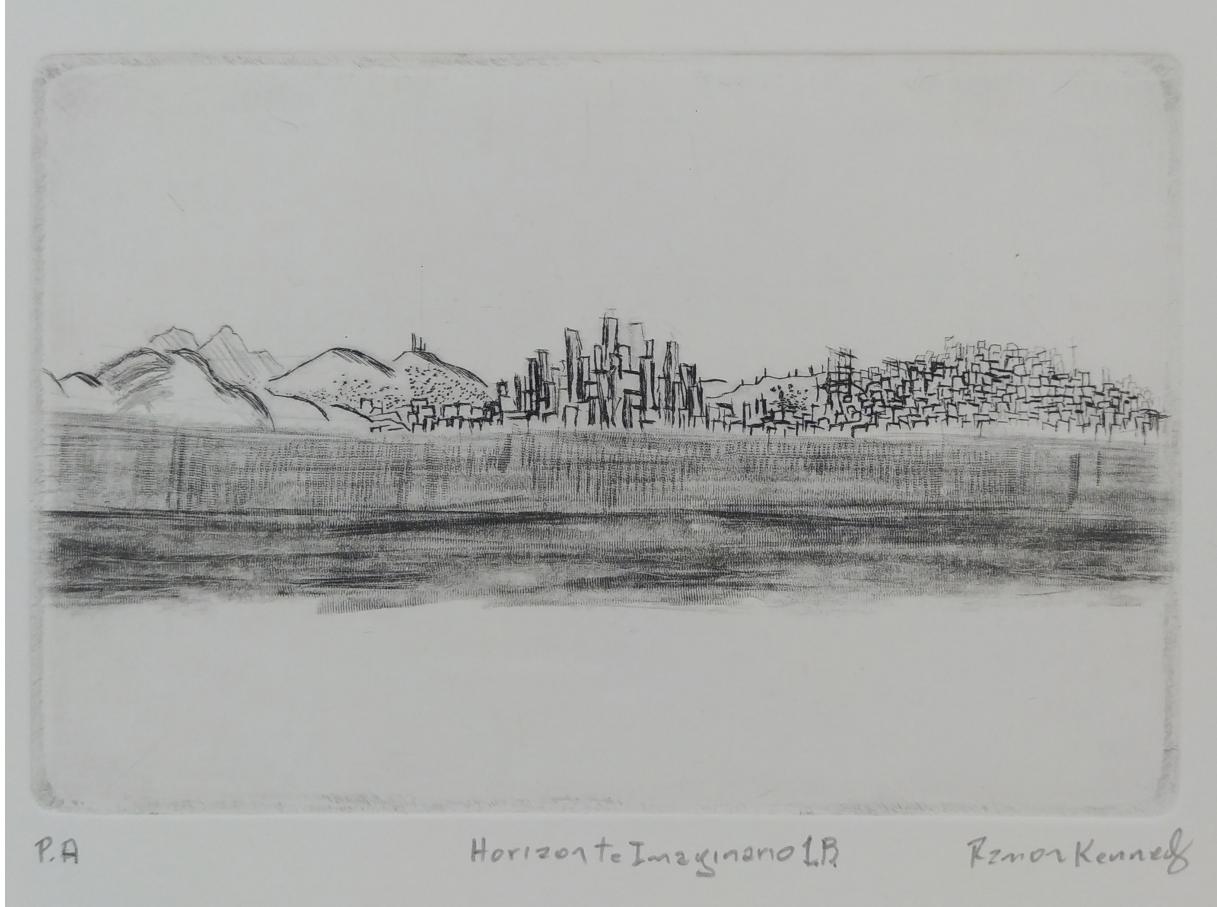
ARAUCÁRIA
Serigrafia
15cm x 19cm
2018



TERRA PLANA
Litografía
23cm x 31cm
2019



HORIZONTE IMAGINARIO 1.B
Calcogravura
Ponta seca
18cm x 14,5cm
2019



HORIZONTE IMAGINÁRIO 1.B
Calcografura
Ponta seca/água-tinta
18cm x 14,5cm
2019



Memórias de BH

Acho que minhas lembranças mais antigas de Belo Horizonte são de quando eu tinha 7 anos. Minha família saiu de Guarapari para tentar fixar na capital mineira. Chegando na cidade, fiquei assustado com o fluxo do centro, pela multidão, pelos carros, o barulho e a correria. Nas travessias de ônibus pela cidade, ficava impressionado com a altura dos prédios, que independentemente do tamanho que tinha não conseguiam esconder a Serra do Curral. Cada nova edificação apresentava uma nova vista dela.

Para atravessar a cidade era necessário pegar duas ou mais conduções. Naquela época, não existia o metrô. Essas jornadas eram aventuras para crianças, mais um dia de loucura para os pais possivelmente. Cada ponto de Belo Horizonte tem sua peculiaridade, a cidade pode ser uma só, mas as características dos bairros fazem parecer que existem várias cidades, uma dentro da outra. Lembro que na época falavámos “*ir para cidade*” e achava só o que estivesse dentro da Contorno pertencia a Belo Horizonte. Era o que se passava na mente de uma criança ao comparar

Belo Horizonte com Guarapari. Pois os lugares que morei em Guarapari eram isolados, uns próximos da praia e outros rodeados de sítios e chácaras, o último era do lado de uma pedreira, assim por ser uma criança com pouco conhecimento, a cidade era o lugar onde o urbanismo se destacava, com comércios, prédios e com os brilhos dos semáforos.

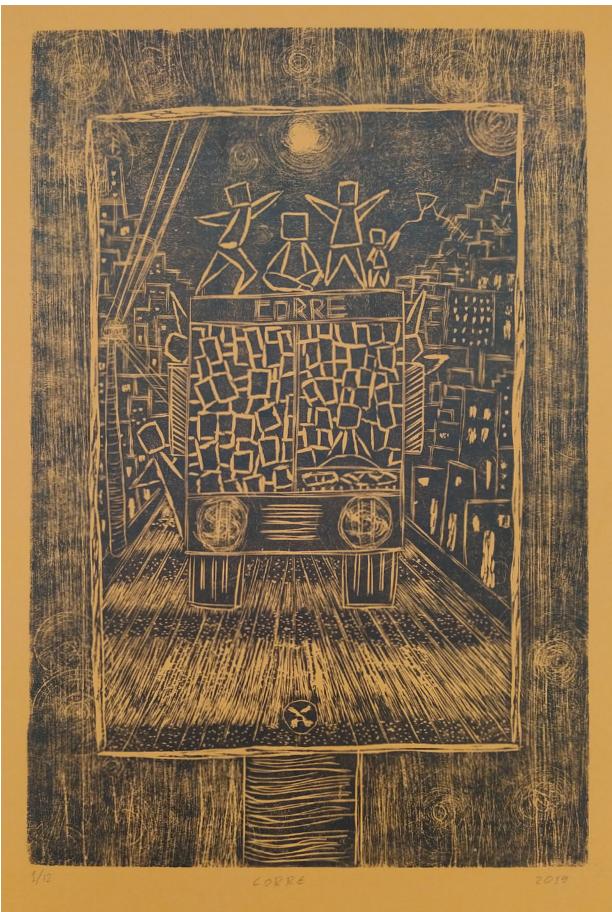
Foi na capital mineira que aprendi o conceito de favela, por morar num bairro cercado por elas. E numa escola do mesmo bairro entendi o que é preconceito, e como ele influência nas relações de todos. Percebi que esta grande cidade podia juntar tudo e todos. Expandindo seus limites, porém continuaria fragmentada.

PAISAGEM DE BELO HORIZONTE
Vista do Bairro PROVIDÊNCIA
foto
2020





CORRE
Xilogravura
23cm x 35cm
2019



Mergulhar no Horizonte

A paisagem não é dada para todo o sempre, é objeto de mudança.

É um resultado de adições e subtrações sucessivas.

É uma espécie de marca da história do trabalho, das técnicas.

*Por isso, ela própria é parcialmente trabalho morto,
já que é formada por elementos naturais e artificiais.*

SANTOS, 1988, p. 24

Na minha infância, tinha certos momentos que me perdia numa paisagem qualquer, como se estivesse mergulhado nela. Paisagens com horizontes quase infinitos, panorâmicos.

Sinto que não era apenas por admirá-las, mas também, como uma forma de fuga da ansiedade, muitas vezes por questões pessoais. A maioria destas fugas eram pela minha dificuldade de conversar com outras pessoas. Acredito que as constantes mudanças de cidades ampliaram esta dificuldade. Assim, cada vez mais mergulhava no horizonte. Com estes mergulhos, lembro de cada cidade que morei com um certo aspecto. Guarapari, como passado estranho para o mar, lembro um pouco da cidade, Belo Horizonte, a expansão sufocante, por crescer aceleradamente e cheia de barulhos, Malacacheta, a fuga de tudo, pela separação dos meus pais e porque o interior é um lugar com pouco urbanismo e calmo.

Hoje, moro em um bairro novo de Santa Luzia, um lugar com poucos comércios, com muitas indústrias, chácaras, sítios e alguns condomínios. Em relação a cidade, tem poucos transportes públicos e ainda não entendi sua estrutura e dinâmica, por ter uma expansão urbana diferente de Belo Horizonte. Parece que o fluxo da cidade não é voltado para o centro e que alguns dos seus bairros são

divididos em históricos e modernos. Talvez seja o lugar em que eu me sinta isolado, por não ter o mesmo ritmo que tinha em Belo Horizonte, ou das nostalgias por ter paisagens diversificadas, seja urbano, rural, industrial, histórico e natureza. Por enquanto, sem definição posso dizer que estou contente, porque ganhei uma vista linda da Serra Mineira, com toda esta diversidade, que dá para ver da janela do meu apartamento. É claro que estas percepções não são permanentes, pois o tempo altera os horizontes.

Ruídos

*Era para ser apenas um zine,
mas havia ruídos por todos os cantos.
Ruídos dos ventos, dos pássaros,
da cidade, das pessoas, das pipas,
dos helicópteros, dos tiros,
da vida e da morte.*

ZINE RUIDO
Linoleogravura
5cm x 6cm
26 páginas
2020



Paisagens Sociais

A dimensão da paisagem é a dimensão da percepção, o que chega aos sentidos.

Por isso, o aparelho cognitivo tem importância crucial nessa apreensão, pelo fato de que toda nossa educação, formal ou informal, é feita de forma seletiva, pessoas diferentes apresentam diversas versões do mesmo fato.

SANTOS, 1988, p.22

Quantas vezes me vi em nostalgia, ao observar a paisagem refletindo sobre o mundo à minha volta? Da casa para escola, reflexões sobre a desigualdade social. Do interior para a capital o desaparecimento da fauna e da flora.

Morando em BH, às vezes, ficava pasmo como dois pontos numa mesma avenida poderiam demonstrar todo contraste da desigualdade social. De um lado a favela, com becos, vielas e calçadas estreitas com menos de 1 m de largura. Paredes e muros com tijolos à mostra, alguns com marca de infiltração, outras rebocadas pintadas, ou cinzas do cimento, às vezes, na régua, ou no chapisco, a maioria no píxo, com cacos de vidro no topo dos muros.

Já os bairros nobres, com calçadas largas e grama, praças bem arquitetadas, árvores a cada 10 metros, grades de aço ornamentadas, muros altos de alvenaria pesada, por vezes, muros de madeira nobre e vidro, com cercas elétricas e câmeras por todos os lados.

Na perspectiva do horizonte, deste contraste sócio-econômico, a favela parece um mosaico de aglomerados quadrados e triângulos que se repetem cobrindo enormes áreas com pouca vegetação e as casas parecem fundidas umas às outras.

São percepções que não saem da minha mente. Com o tempo transfiro em fragmentos para os meus de-

senhos, com linhas bem rabiscadas e muito emaranhadas. Talvez o início do processo lembre as gravuras de metal do Darel Valença Lins. Eu produzi algumas gravuras de metal chamadas Horizonte Imaginário que parecem ser completamente inspiradas em suas obras. Nas minhas xilogravuras, depende do volume da linha, mas dá para comparar um pouco na estética, o emaranhamento das linhas, aglomeramento das informações, as casas e os prédios que parecem fundidos uns aos outros, com algumas coisas interagindo na paisagem.

Voltando para perspectiva, na área nobre, as mansões parecem caixinhas, porém distantes umas das outras, quase que pontuais e padronizadas, a vegetação parece linear e tramada, sensação de que tudo é controlado para manter uma ordem. Este contraste social na paisagem da cidade acaba quase que invisível em meio aos mutuados retângulos verticais cercado pela linha orgânicas da Serra mineira. Na distância, a cidade faz jus ao seu nome, mas quando se permeia por ela, a sensação de agonia queima nas fronteiras planejadas.

Bom, nem a pequena cidade que nasci, focada nos meios rurais, escapa desta sensação. A cada momento que ela cresce, pensando na infraestrutura da cidade. Dá para definir quais serão os bairros nobres, quais serão os perifé-

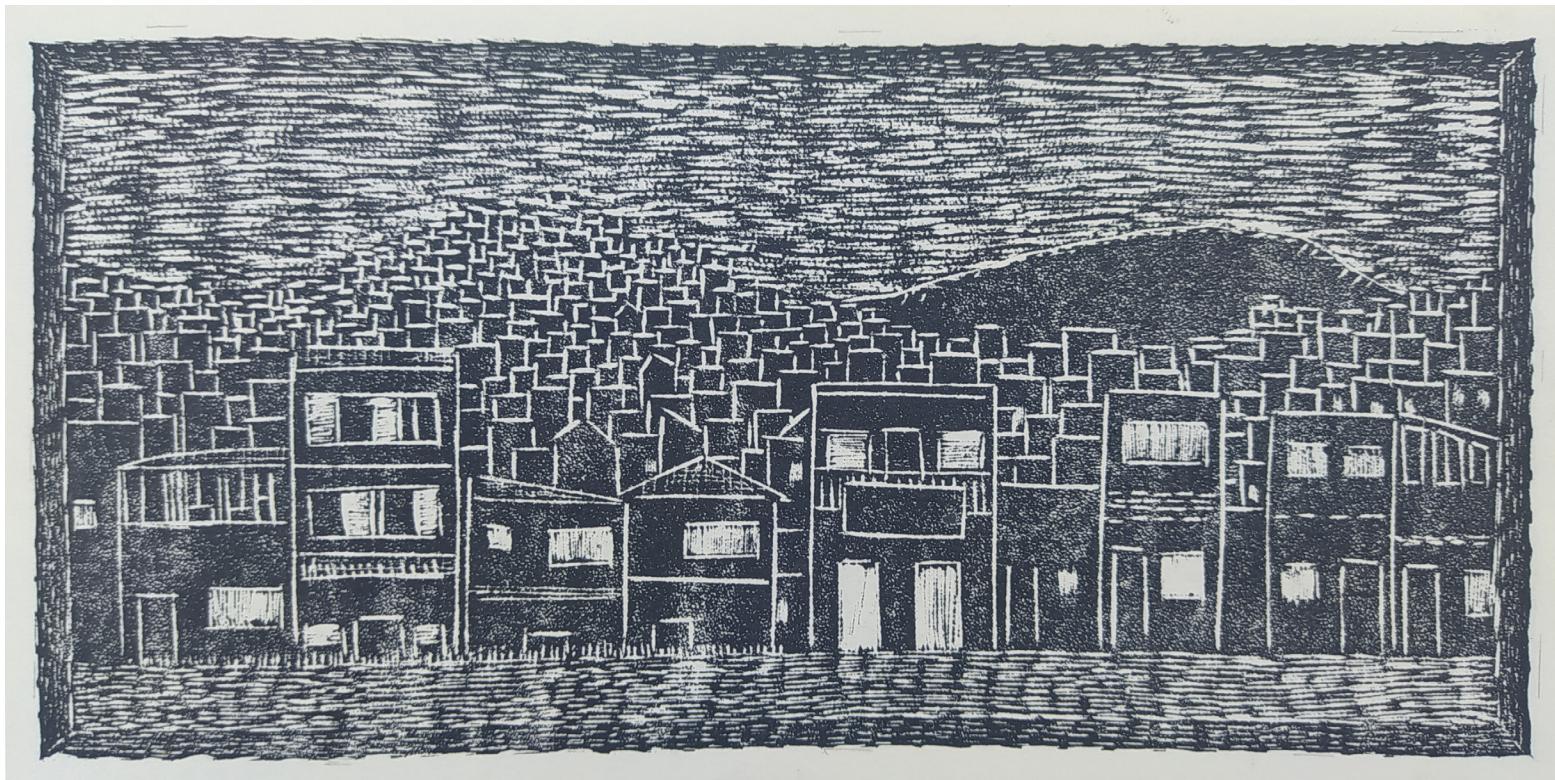
ricos. Fronteiras não nascem, elas são construídas.

Malacacheta é uma cidadezinha do Vale do Mucuri, com distância média de 300 km de BH em linha reta, dependendo da rota e do relevo de Minas Gerais fica entre 431 e 527 km de distância se for de carro.

Um caminho de muitas paradas e poeira de estrada. Minhas viagens sempre foram noturnas, a paisagem ficava para iluminação das cidades, as silhuetas das montanhas, os vultos das árvores com as iluminações dos carros. Dependendo do clima e da data, as estrelas e a lua parecem te acompanhar a viagem toda. Em época chuvosa, tem a beleza dos nevoeiros dos vales mineiros, mas muita lama. É surpreendente como as cidades mineiras conseguem misturar Rococó e Barroco com arquitetura contemporânea, diante do desenvolvimento demográfico. Contudo, este desenvolvimento, pode ser uma surpresa desagradável para o meio ambiente.

Durante anos percorrendo quase sempre o mesmo trajeto, percebia a transfiguração da paisagem pelo crescimento urbano e rural de cada cidade. Se no ano passado um determinado trecho era coberto por mata diversificada, atualmente pode ter perdido lugar para o pasto, lavoura, indústria ou um megacomplexo imobiliário. As necessidades humanas devoraram o meio ambiente. Hoje, acho

mais fácil dizer que a natureza tenta se adaptar à existência humana, do que o contrário. E como diz SANTOS (1988, p.24): *“A paisagem não é dada para todo o sempre, é objeto de mudança. É um resultado de adições e subtrações sucessivas. É uma espécie de marca da história do trabalho das técnicas. Por isso, ela própria é parcialmente trabalho morto, já que é formada por elementos naturais e artificiais. A natureza natural não é trabalho. Já o seu oposto, a natureza artificial, resulta de trabalho vivo sobre trabalho morto.”*



*A nostalgia na paisagem
numa simples viagem
me perco no horizonte
me encontro mente
uma perspectiva a cada ponto
para as reflexões de cada mundo*

ZINE OLÉÉÉ!!
Linoleogravura
Pagina 3
21cm x 9cm
2022



Cantinho Verticalizado

*A cidade é essa heterogeneidade de formas, mas subordinada a um movimento global.
O que se chama desordem é apenas a ordem do possível, já que nada é desordenado.*

SANTOS. 1988, p.23

Na região metropolitana, as cidades se expandem e se espremem simultaneamente, parecem querer devorar umas às outras, fica difícil determinar seus limites. Uns querendo ficar perto da capital para agilizar a rotina, outros distantes evitando os estresses urbanos.

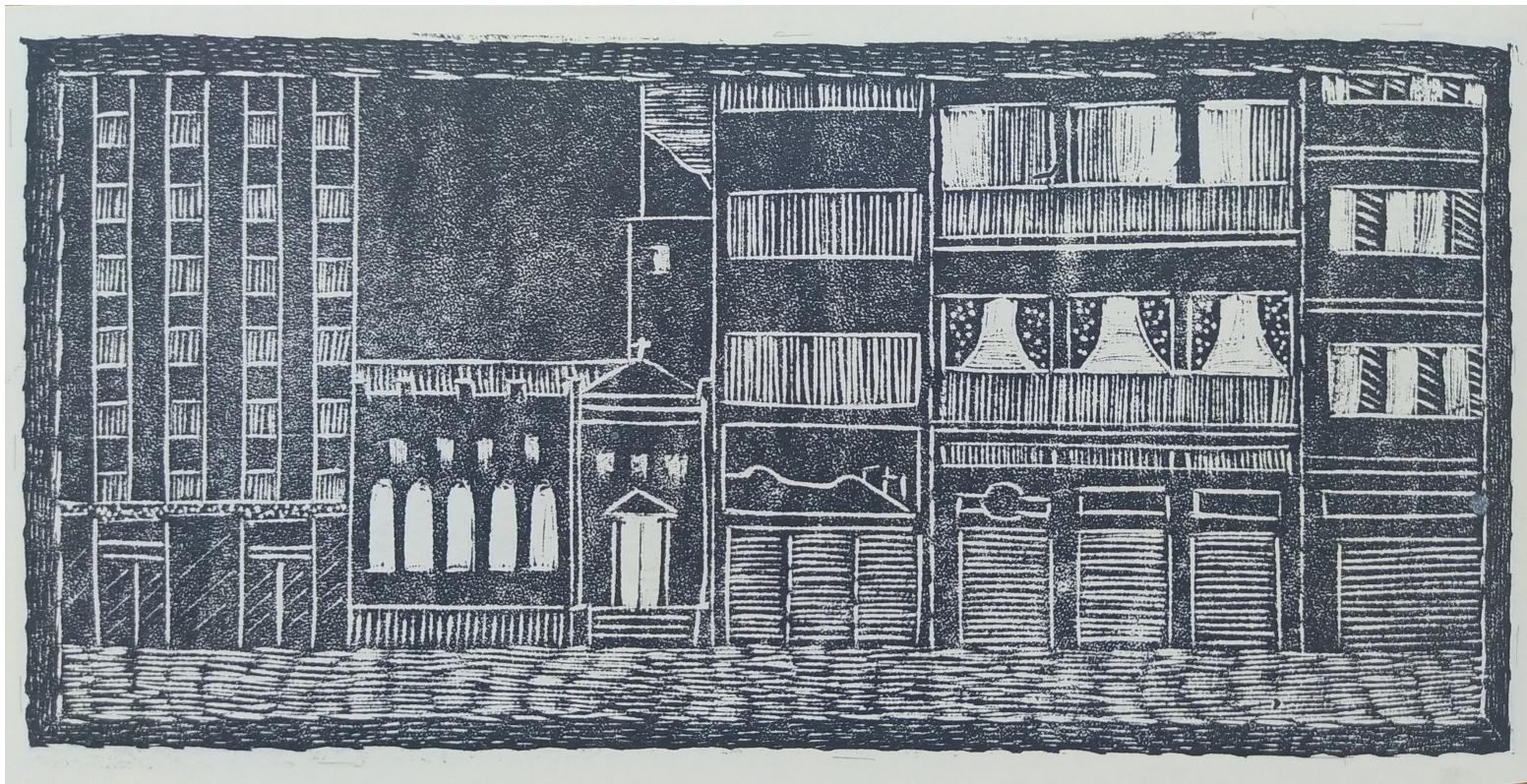
Todo mundo procurando se ajustar a um cantinho compatível aos seus interesses. Com o metro quadrado cada dia mais caro, a solução parece ser a verticalização. Torres vão se multiplicando, não só alterando a paisagem, mas o ângulo para vista dela também. A janela com uma vista panorâmica pode ser sorte ou luxo. Isto vale também para a sensação de privacidade, está ficando difícil reclamar das janelas dos vizinhos.

Janelas
Linoleogravura
16cm x 23,5cm
2019



*Paredes crescem
Paisagens se alteram
Janelas multiplicam
Privacidades desaparecem*

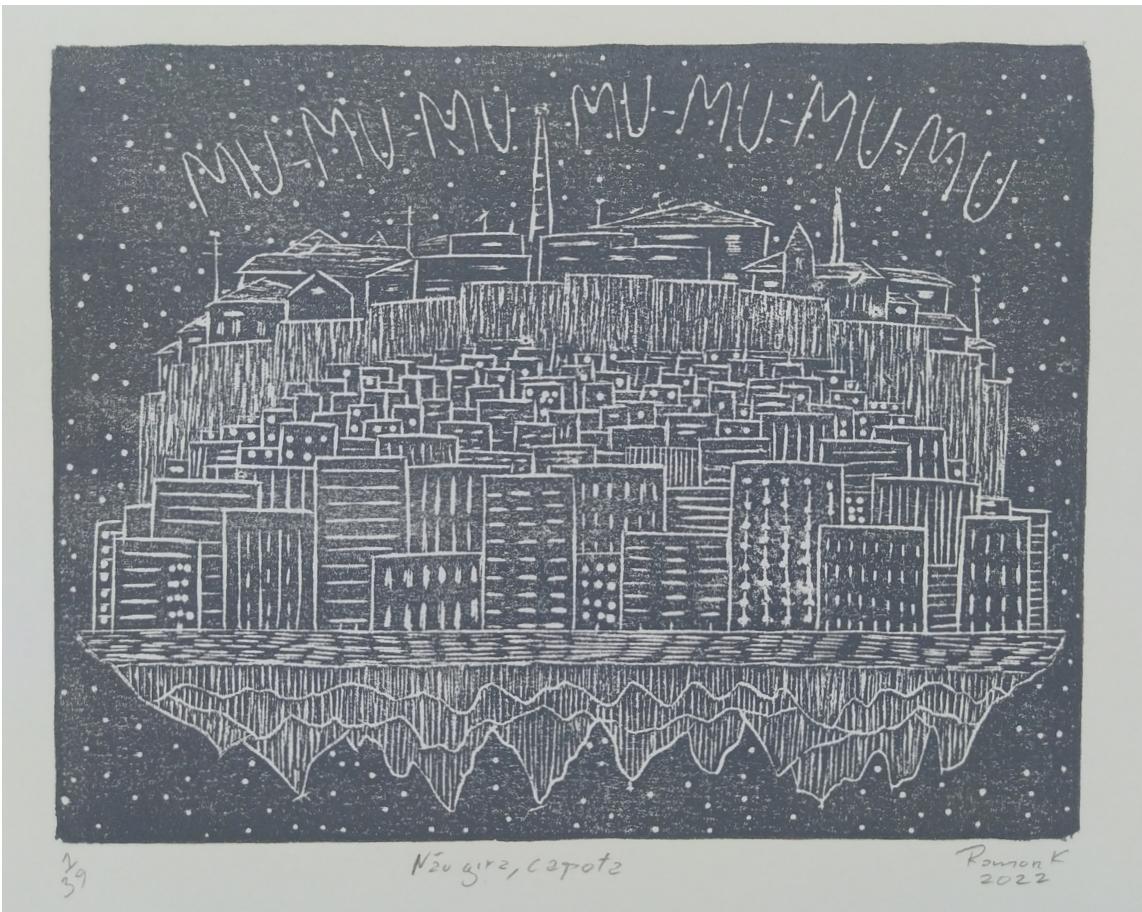
ZINE TRAVESSIA
Linoleogravura
22cm x 11cm
pagina 2
2022



Não Gira, Capota

*No mundo das conspirações
o patriotismo é feito de falsas profecias
e promessas vazias,
com líderes que semeiam ódios e mentiras,
jogando seus povos ao abate de um canibalismo social.*

NÃO GIRA, CAPOTA
Linoleogravura
17cm x 15cm
2022



Reflexões da Serra do Curral

Em consequência, o mecanismo do planejamento tornou-se mais sutil. Os povos e países envolvidos, que têm passado da lavagem cerebral das teorias ocidentais acerca do crescimento e do espaço ou que se encontram indefesos perante elas, podem nem sequer suspeitar dos efeitos do planejamento.

SANTOS, 1977, p. 32

Quando não nos adaptamos ao meio o reconfiguram as nossas necessidades.

A muralha natural está perdendo a vista de seus traços para além dos entornos dos contornos da capital, o deslumbrar visão da Serra do Curral, vai sendo vedada com o tempo, a cada nova edificação. O efeito do controle humano sobre a natureza, numa cidade que foi planejada para estadia da elite mineira, baseada nas arquiteturas das cidades europeias e estadunidenses. Assim, delimitando fronteiras e afastando a classe operária usada para concluir o projeto para fora do contorno. Resultando na expansão da cidade, nas formações dos aglomerados entre periferias, favelas e ocupações, saindo da expectativa dos fundadores.

Para mim, não tem como refletir o sumiço da vista da Serra sem questionar as ações higienistas, que vão prevalecendo na sociedade. Essa forma de desviar os olhares protegendo os ideais conservadores do colonialismo, com o sonho de uma nova Europa, sempre acaba menosprezando e marginalizando a classe operária, dividindo o próprio povo, extraíndo, peneirando e lapidando uma falsa meritocracia.

A vista da Serra corre o risco de desaparecer, não só como efeito do crescimento vertical, mas também, pelas

relações verticais da política da capital.

Mesmo que a cada nova geração de seus habitantes lutem pela coletividade, para fazer parte das gestões públicas, a aristocracia da cidade parece não querer perder a sensação da primeira e da última palavra nesta administração, como se estivesse protegendo seu poder, tentando controlar uma visão do futuro com valores do passado, negando todos os problemas existentes, e futuras consequências de não ouvir o outro.

Isto é um problema histórico, quando se fala na luta de classes. Apesar do nome de Belo, depende do ângulo que se vive, a capital não foi planejada para ter pensamentos horizontais, mas com o tempo e muita luta, um dia ela conquistará isto, e não precisará cavar para encontrar, pois os buracos já foram feitos, só temos que abrir os olhos e reconhecer o povo que construiu este lugar e que eles sempre fizeram parte da cidade.

*Caminhando nos vestígios das memórias deste horizonte,
percebo entre as frestas e brechas no crescimento vertical do concreto,
uma pequena fração de uma silhueta nostálgica,
que vai sendo omitida pela transformação constante deste lugar,
o efeito colateral na tendência de definir o belo,
desviando a visão periférica ao traçar os contornos,
no objetivo de construir fronteiras,
dando mais valor aos seus visionários,*

de conceitos conservadores tradicionais.

*Idealizando o relevo em sonhos replicantes do exterior,
negando aquelas que ergueram suas fundações,
sendo estas mãos-de-obras colocadas para minar enormes jazidas,
extraindo toda riqueza inanimada,
fazendo feridas profundas e amorfas no solo.
Sendo elas atribuídas de forma negligente,
na qual seus descendentes foram depositados,
com o destino selado no que restou dos veios destes tártaros.*

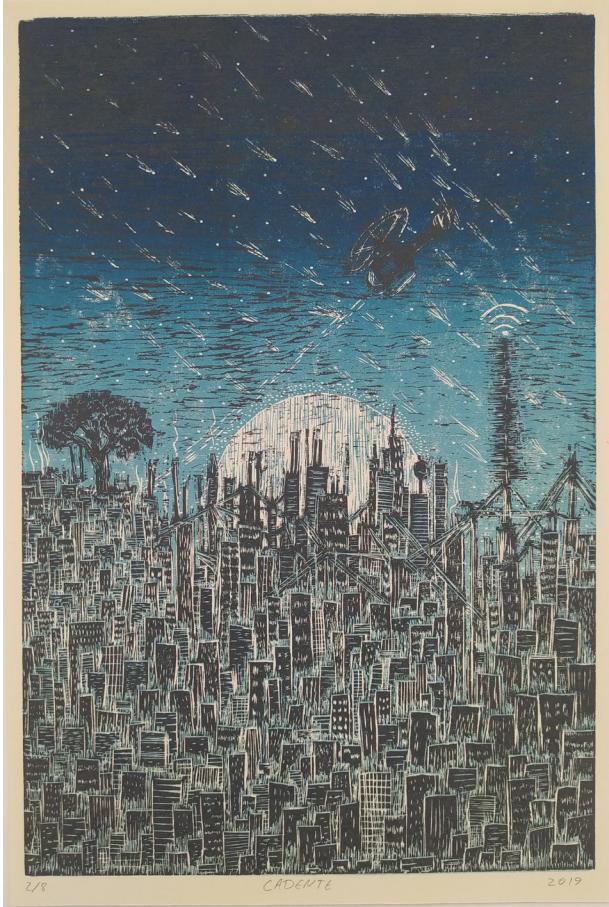
Cadente

*A noite cai
A escuridão revela
A cidade cinza
Crescendo em muralha
Sem alma, sem vida
A luz desta cidade esconde
O véu de estrelas
O brilho da lua se ofusca
A cada novo pilar de concreto*

*A luz da cidade ergue e cai
No ódio e na esperança
A batalha entre o céu e a terra
Caem estrelas de todos cantos
Estrelas cadentes
Cadentes de Esperanças
Esperanças que morrem
Paras cadentes de fuzil*



CADENTE
Xilogravura
Matriz perdida
21cm x 31,5cm
2019



Gambiarra

*A mão parece saltar em liberdade e deleitar-se com sua própria destreza:
explora com uma segurança inaudita os recursos de uma longa ciência,
mas explora também esse elemento imprevisível
que está além do campo do espírito – o acidente.*

FOCILLON, 2012, p.25

Era recorrente ouvir a gravura ser chamada de cozinha, pela dinâmica dos processos de todas suas disciplinas. Essa alcunha, muitas vezes, era explicada como um lugar que não podia errar, tudo deveria ser notoriamente programado, para ter o resultado esperado e impecável.

Pensando neste modo de cozinha, seguindo a receita do bolo, com os ingredientes e as ferramentas destinadas para fazê-lo e apresentá-lo de acordo com as regras. Para mim era mais saboroso aquelas obras experimentais que desafiavam as regras. Podia sair uma gororoba, mas uma gororoba deliciosa.

Vejo a gravura como um lugar de experimentações, depois que se entende o processo e os cuidados com as ferramentas. Para mim é como uma oficina, um laboratório de alquimia, onde o resultado inesperado pode ser interessante e o mais desejado. Um local em que os hábitos e as práticas levam para caminhos além do esperado. Como BOURDIEU (2007, p.22) afirma: “os hábitos são princípios geradores de práticas distintas e distintivas.” É o que observo que ocorre na Gravura. Ali, via muitos desenvolvimentos de ferramentas improvisadas, para gravar e criar textura, também, tinha testes de suportes e matrizes incomuns. Ouvia conversas de como fazer e reviver a tinta, como imprimir sem a prensa, ou desenvolver uma prensa.

A aula era o tempo todo uma pesquisa experimental. Era a busca da essência da gambiarra para salvar a poética da obra. Essa maestria de lidar com caos me vem a mente FO-CILLON (2012, p.29): “*Esse ordenamento de um mundo caótico arranca os efeitos mais surpreendentes de matérias à primeira vista pouco afeitas à arte e de ferramentas improvisadas, de restos, de dejetos que, gastos ou quebrados, oferecem recursos singulares.*”

Foi na liberdade das gambiarras das experimentações, a coragem de produzir zines ganhou força.

É claro que antes de cursar a xilogravura, já tinha feito dois zines, sendo eles tarefas disciplinares, um nas Artes Gráficas do primeiro período, e o segundo, dois anos depois no Ateliê de Artes Gráficas.

O primeiro tem o perigo do machismo, intitulado *Stalker*, cartuns com tratamento digital, e sendo impresso em impressora. O segundo, uma crítica pseudo-desconstruída, intitulado *Na Real*, desenhado e escrito à mão, sendo impresso nas técnicas da serigrafia.

O primeiro zine para xilogravura intitulado *Gambiarra*, ele não aborda a paisagem. O tema foi inspirado nas gambiarras do meu pai, que tinha um monte de plantas em casa em vasos não convencionais, que, às vezes, eu não sabia se a escolha do vaso era proposital, ou simples-

mente, se a planta nasceu ali accidentalmente no meio a bagunça do ambiente.

A maior parte do processo deste zine foi produzido na sala da casa do meu pai e no meu trabalho de madrugada. Foi neste processo que percebi a versatilidade da xilogravura. Posso levar os materiais numa bolsa para qualquer lugar, gravando as matrizes e imprimindo as gravuras, quando me sentir confortável. Versatilidade aproveitada ao máximo durante a pandemia da Covid, sem poder utilizar o Ateliê da Gravura, no isolamento, com mudanças constantes de moradia e nas madrugadas do trabalho. Nas complicações da pandemia, tudo se misturava. As minhas nostalgias pela paisagem, minhas referências ao modo punk do “*faça você mesmo*”, a descoberta dos múltiplos do Fluxos; foi assim, que a gambiarra gravura apoderou-se das minhas poéticas para os zines xilografados.

ZINE GAMBIARRA
Linoleogravura
5cm x 6,5cm
6 páginas
2019



Conclusão

O tema paisagem na gravura fez me reencontrar, em um momento, o que estava perdido e confuso na minha produção nas Artes Gráficas.

Sentindo liberdade em produzir trabalhos artísticos com os temas e os formatos que eu desejava, com conforto e a coragem de agregar fragmentos das minhas lembranças das paisagens que conheci.

Nas produções das paisagens imaginárias vinham todos os meus questionamentos do mundo, como um efeito colateral, um ruído que eu não podia parar.

Diferente das sensações de censura que sentia nas Artes Gráficas, ao querer transmitir minhas origens para o trabalho. Tinha medo de gerar um novo conflito, percebendo que alguns docentes não compreendiam que as nossas referências poderiam ser diferentes pelas nossas origens. Tinha momentos que sentia que existia um controle no processo e no conceito do que era produzido, com muitos diálogos de um labirinto paradoxal, na qual a minha percepção de vida, não podia fazer parte da minha poética.

Acredito que o ambiente e o tema tenham despertado uma enorme nostalgia da minha infância. Lugares que morei e estudei, sempre observando a paisagem pela janela, como um quadro procurando um ângulo de equilíbrio do urbanismo com a natureza, alguns prédios, a vastidão do céu, as ondulações das montanhas e muitas árvores, imaginando uma infinidade de histórias que podiam ter ou surgir deste pequeno fragmento do mundo externo.

ZINE OLÉÉÉ!!
Linoleogravura
Pagina 2
21cm x 9cm
2022



Referências Bibliográficas

BOURDIEU, Pierre. Razões práticas sobre a teoria da ação. Campinas: Papirus, 2007.

CADÔR, Amir. Arte no cotidiano. Projeto Armazém, 2019.

FLUXUS. Infopédia Dicionários Porto Editora. Disponível em [https://www.infopedia.pt/\\$fluxus](https://www.infopedia.pt/$fluxus). Acesso em: 20 Maio 2023

FOCILLON, Henri. Elogio da mão. Tradução de Samuel Titan Jr.. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2012.

FREIRE, Paulo. Professora sim, tia não. Cartas a quem ousa ensinar. São Paulo: Paz e terra, 2022

KENNEDY, Ramon. Rastro emaranhado de um sonhador: Tretas. 2020. TCC (Artes Gráficas) Artes Visuais – EBA/ UFMG, Belo Horizonte, 2020.

SANTOS, Milton. A totalidade do diabo, como as formas geográficas difundem o capital e mudam estruturas sociais. São Paulo: Hucitec, 1977.

SANTOS, Milton. Metamorfoses do espaço habitado, fundamentos teórico e metodológico da geografia. São Paulo: Hucitec, 1988.



DIÀRIO DE UMA TRAVESSIA

Memórias em linhas gravadas pela trausseira de uma travessia

